

BANDEIRA PORTUGUESA ENSOPADA DE SAUDADE

Luiz Henrique Moreira SOARES¹

*Imensa honra e alegria teria eu se morresse com o sangue rompendo os poros,
Pulmões paralisados, a ouvir gritos rebentando meus tímpanos.
Essa era a senha: a revolução acontecia.*

Eu sentia o gosto da revolução na boca. Não sentia o abraço apertado de um amigo, nem a ternura de nossas mãos dadas na esquina. Eu queria sentir o calor da sua carne, o suor de seu rosto. E o sol de abril que despontava em meus olhos não possuía nenhum ar de esperança. Eu queria sentir o calor da sua mão, eu queria sim. Tocar sua pele, sentir o cheiro dela mais uma vez, só mais uma. E isso me faria mais robusto. Só assim eu saberia lidar com a sua perda maldita, que também é a minha. Eu perdi um pouco de mim, senão o meu inteiro eu. O céu vermelho de cravos é o cenário triste de quem não consegue vencer a saudade. A guerra levou nosso tesão aos ares. Merda!

Agora as ruas estão lotadas, parentes se abraçam, casais se beijam, mães choram acalentando os filhos. E eu só queria segurar a sua mão, apertá-la, como se estivesse a cair de um penhasco. Porque nos meus sonhos era assim. A guerra acabara e estávamos livres para dançar juntos nas ruas, o dedo em v, alegria nos olhos...

Pensava eu que a vida era isso mesmo: cuspir o sangue e caminhar. Apagar os passos, mas nunca esquecer o caminho. Eu que desejava tudo, agora não sei mais desejar. Amigos meus estavam lá, de bigodes lustrosos e ideias perambulantes na cabeça, gozando com as amantes, umas brancas e lindas rameiras lisboetas, cantando fados e coisa e tal. Zeca não estava. Mas se alguém perguntar, digo que foi esquecido pela memória do tempo, pelo amargo da luta, pela emergência da revolução, pela imensidão dos malditos ideais.

A história de Zeca é um mote que não é contado. O sangue dele é mais vermelho que o esplendor dessa bandeira portuguesa, muito mais. E eu sei que toda essa revolução não valeria a vida do meu Zeca, eu sei que não. Eu tive que dizer adeus à pessoa que mais amava. Isso não valeria, claro que não. Coração miúdo e uma garganta fervorosa gritando

¹ Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Campus de Jacarezinho. Bolsista do Programa de Iniciação Científica, na modalidade voluntária. Atua como estagiário na Assessoria de Comunicação Social da UENP e realiza pesquisa nas áreas de Literatura Contemporânea Brasileira e teoria queer. **E-mail:** luiz.moreira@uenp.edu.br

à Vila Morena. Terra da fraternidade. Terra da insanidade. Os versos de Zeca se calaram por um tiro de fuzil saído da arma de um militar, no dia 24 de abril de 1974.

Aquele desgraçado tinha a maldição de ser o poeta mais valente que já conheci.

Recebido em: 28 maio 2016.

Avaliado em: 12 jul. 2016.

Publicado em: 31 dez. 2016.

Como referenciar este conto:

SOARES, Luiz Henrique Moreira. Bandeira Portuguesa ensopada de saudade. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 3, p. 206-207, dez. 2016.